

Franceses: haverá concessão dos dois lados

PARIS — Os banqueiros franceses que vão participar da reunião com as autoridades econômicas e financeiras do Brasil em Nova York são unânimes: vai ser preciso fazer concessão dos dois lados.

— Ninguém está interessado na falência do Brasil e se isto acontecer nenhum banco ocidental será poupado — disse ao GLOBO importante dirigente do CCF (Crédito Comercial da França), um dos bancos que mais emprestou dinheiro ao Brasil. Quanto aos devedores, ele garante que “vão ter que prestar contas do que pretendem fazer com o dinheiro”.

Para a direção do CCF, a tônica da reunião de hoje em Nova York, vai ser a reciprocidade, algo assim como *toa-lá-dá-cálo* que, na análise dos banqueiros franceses, significa: “já fazemos muito pelo Brasil; chegou a hora de compreenderem que queremos receber algo em troca também”.

A maioria dos banqueiros entrevistados pelo GLOBO evitou dramatizar a situação.

— Vamos a Nova York para nos informar — garantiu dirigente do Crédit Lyonnais, banco líder das negociações sobre o empréstimo de US\$ 250 milhões feito ao Brasil, na semana passada.

— Queremos ouvir Carlos Langoni e

ANY BOURRIER

Correspondente

Delfim Netto — continuou — e saber como pretendem administrar a dívida no futuro e o que vão fazer com os empréstimos que estão captando na Europa e Estados Unidos agora.

Nenhum banqueiro acredita que a resposta seja negativa por parte da comunidade internacional.

— E preciso ver as coisas com pragmatismo — ponderou um especialista em assuntos latino-americanos do CCF.

— A situação — disse — é insuportável. Temos que tomar medidas urgentes. As discussões com os brasileiros não serão fáceis, mas ninguém está querendo virar a mesa. A única exigência dos bancos será, de agora em diante, rigor maior na administração dos empréstimos. Queremos saber qual é o destino deste dinheiro.

Tanto no Crédit Lyonnais quanto no CCF os argumentos dos banqueiros são idênticos: “As autoridades brasileiras precisam compreender que além de emprestar queremos receber também. E que empréstimos financeiros sem contra-

partida em compra de material ou equipamento para fazer nossas indústrias trabalharem não serão mais possíveis. O Brasil não conseguirá mais na Europa créditos unicamente em capitais, tudo será vinculado no futuro à contratos de compra aqui.”

Alguns criticam a forma de endividamento do Brasil, como o analista do banco Société Generale, para o qual “o erro foi se endividar no mercado financeiro, em dólares, com taxas de juros variáveis:

— Por que não pedir mais créditos aos tesouros nacionais, que emprestam com prazos maiores e taxas de juros inferiores? O Brasil teria, neste caso, uma dívida bem mais facilmente administrável — explicou.

“O que vai acontecer de agora em diante é um retraimento dos bancos privados europeus. Eles vão procurar atingir níveis mais realistas em seus empréstimos globais aos países cuja dívida tornou-se assustadora, como o Brasil, México, e Argentina. Os bancos europeus vão reduzir os empréstimos para o Brasil e redistribuí-los para outros países que ainda têm capacidade para utilizar com eficiência o financiamento externo”, foi a conclusão dos peritos da OCDE.